

# DA CRIAÇÃO AO CRIADOR - RECONSTRUINDO A SALA DE AULA POR INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS<sup>1</sup>

Emerson Ribeiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse trabalho tem a pretensão de mostrar como o ensino de Geografia no Ensino Médio pode encontrar na Arte sua relação de ensino aprendizagem. Todo ensinar requer um método, um caminho, uma forma, o percurso a ser trilhado, este dependerá da formação e das vivências do profissional e suas reflexões sobre suas práticas. A importância da prática de ensino na formação do aluno/estagiário/professor requer rigor teórico de ensino e pesquisa. A construção dos saberes, durante a graduação é de suma importância, quando esta se relaciona com as disciplinas do corpo teórico da geografia (a sua epistemologia) e as disciplinas que carregam na licenciatura para a formação docente, como as de metodologia do ensino, práticas de ensino e estágio supervisionado.

**Palavras-chave:** Ensino de geografia, Metodologia de ensino, Instalações geográficas.

## ***CREATION OF THE CREATOR. REBUILDING A CLASSROOM BY GEOGRAPHICAL INSTALLATIONS***

**SUMMARY:** This work has the pretension to show as the education of Geography in Average education can find in the Art its relation of education learning. All to teach requires a method, a way, a form, to be trod passage, this will depend on the formation and the experiences of the professional and its practical reflections on its. The importance of practical of education in the formation of the pupil/the trainee/professor requires theoretical severity of education and research. The construction knowing of them, during the graduation is of utmost importance, when this if relates disciplines with them of the theoretical body of geography (its epistemology) disciplines and them that they load in the graduation disciplines and them that they load in the graduation for the teaching formation, as of methodology of education, practical of education and the supervised period of training.

**Key words:** Education of geography, Methodology of education, geographic Installations.

---

<sup>1</sup>Esse texto contém parte dos textos publicados na UNESP/2009 e no ENG 2010.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do Departamento de Geografia da Universidade Regional do Cariri URCA. E-mail: emerprof@hotmail.com

### **Primeiro Round:**

Ensinar a geografia em sala de aula requer dos professores pensarem questões centrais, como: para que se ensina Geografia? Por que aprender a Geografia? Para onde vai o ensino da Geografia?

A geografia como disciplina escolar atravessa um currículo com bases do século passado, conceitos e categorias na disputa pela compreensão do mundo atual, representadas nas práticas introduzidas pelo livro didático. Assim sendo, apresenta-se a geografia (construindo o espaço, a geografia do dia-dia, projeto escola e cidadania para todos, sociedade e espaço), entre alguns títulos que chegam à escola pública.

Entendemos a geografia como uma ciência que estuda o meio-homem-natureza no processo de produção que compõe as bases da sobrevivência humana. Como disciplina geográfica e propriamente escolar, ela possibilita a análise das relações sociais e do mundo no processo de ensino-aprendizagem, permitindo compreender o mundo o qual vivemos, portanto.

É preciso diagnosticar o estado da arte do ensino de Geografia no ensino médio, ainda que seja a partir do microcosmo da sala de aula, pode ser um bom motivo para apontarmos entaves-obstáculos epistemológicos, segundo Bachelar<sup>3</sup> – que emperam nossa ação pedagógica. E também, a partir do entendimento do *modus*

*operandi* dos professores, vir a propor rastros para outra – entre tantas possíveis – forma de se pautar com a disciplina e com os discentes. Este trabalho não tem o caráter de bula, mas pode ser um pretexto para a discussão coletiva na busca da sempre necessária renovação das práticas escolares.

Como ciência e disciplina, a geografia atua na sociedade e no meio como uma das forças de entendimento e compreensão do mundo no qual vivemos sendo a geografia uma importante ferramenta de análise do mundo.

Portanto, a velocidade com que o espaço se transforma este também, vem e opera em sala de aula, pelos dados que muitos alunos trazem devido ao acesso às informações de variados meios de comunicação.

Assim, verificamos que diante do processo de ensino-aprendizagem, o aluno, ser cultural, estabelece relações sociais entre a escola e o mundo externo a ela, trazendo suas influências culturais, de informação, sociais, econômicas e de senso-comum. Este saber conflituoso precisa ser na escola sistematizado, ordenado, organizado diante da razão científica.

E diante de um processo de políticas públicas, onde o político se sobressai à frente do processo de ensino aprendizagem, visando números de aprovações e políticas de merecimento numa sociedade estrangulada pelo material, e isso se deve a política econômica

---

<sup>3</sup> Gaston BACHELAR. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento.

implantada no Brasil na década de noventa, chamada neoliberalismo.

Essa política visa à mínima participação estatal nos rumos da economia de um país, pouca intervenção do governo no mercado de trabalho, política de privatização de empresas estatais, livre circulação de capitais internacionais e ênfase na globalização e entre outros pontos a abertura da economia para a entrada de multinacionais, na educação o neoliberalismo atribui um papel estratégico, que é preparar os jovens para o mercado de trabalho e para que a pesquisa acadêmica fique atrelada ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa.

Perante a isso, o professor de ensino de geografia deve operacionalizar esses conflitos, realizar uma releitura de mundo, mostrando-lhes os diversos caminhos, fazendo os contrapontos entre uma política e outra para que o senso-comum não opere, a favor de interesses de uma classe social, ou grupo, sendo assim, necessária sua desconstrução para uma nova construção do saber científico. Diante do exposto podemos:

- Analisar como a geografia escolar a partir da didática com instalações e performance, envolvendo a teoria e a prática no ensino médio resulta no processo de ensino – aprendizagem.

### **Segundo Round:**

Para a realização desta pesquisa faz se necessário o estudo na sala de aula para

compreender como a escola vem desempenhando seu papel socializador, seja na relação professor-aluno, na transmissão de conteúdos, na veiculação das crenças e valores, na organização do espaço escolar pelos agentes gestores, nas rotinas do cotidiano escolar.

Partindo do conhecimento do cotidiano escolar é necessário encontrar outro caminho para a leitura do habitual, para não nos prendermos a conceitos ou definições.

Esse caminho será percorrido pelo autor com o estudo da paisagem abordando os conteúdos como representação de um mundo que se apresenta para o sujeito, partindo da teoria em sala de aula ou a campo e desta para a prática na forma de instalações ou performance materializando a aprendizagem, indo além do que foi posto, encontrando a criatividade.

A pesquisa carece da compreensão do nosso viver, e não só de conceitos ou definições, e sim, da compreensão daquilo que se vai investigar, encontrando uma nova interpretação e por fim uma nova compreensão. É na ação-reflexão que gera uma nova ação. Encontraremos então:

1. Dados do vivido;
2. Relato do vivido;
3. Interpretações do vivido.

A interpretação do vivido (esses em sala de aula e nas instalações) se coloca como o caminho a trilhar e desvendar, na elucidação da proposta da resposta.

Pressupondo a dialética como método de investigação em que:

- O professor se envolva não só com os alunos, mas, sobretudo com os conteúdos a serem ensinados;
- Os alunos deixem de serem receptáculos de informações para “criar”, para construir o conhecimento;
- O professor transforme-se de transmissor em “criador” do saber.

Para encontrar essa prática, essa didática, temos que usar da representação da paisagem, deslocando-a do livro didático para outra forma de expressão da linguagem, essa é as instalações ou se necessário a performance. Exemplificando nesse primeiro exemplo a didática temos:

1. Abordagem por estimulação sobre o que conhecem sobre o assunto retratado, no caso a gênese do território brasileiro.
2. Conteúdos teóricos e delimitação do processo histórico e uso de mapas
3. Ensaios e erros, apresentação de imagens (mapas)
4. Estabelecer relações entre fatos e conceitos
5. Questionamentos a respeito do tema, competências e habilidades apuradas
6. Avaliação, instalações ou performance.

Neste momento, a da avaliação, que as instalações deve se manifestar, a criação e o criador se encontram no espaço, pois exige do aluno além da aprendizagem a criatividade que

perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante todo o processo de criação, repetimos relação por contrastes.

Nesse exemplo os objetos a ser utilizado para representar o conteúdo proposto são:

- Garrafas pet de 2 litros
- Mapas que traduzem a gênese econômica do território
- Barbante, cola e outros materiais
- E o fundamental, a criatividade

Nessa construção os alunos vão se deparar com um problema, como representar o que foi estudado, em garrafa pet de dois litros? Essa avaliação se dá em grupos de quatro pessoas, que irá envolver atitudes, compromisso, formas de lidar com o processo avaliativo, criação e discussão envolvendo o grupo, a família passa a ser consultada e em alguns casos se envolvem no conteúdo abordado, liderança é apontada no grupo, distribuição das tarefas e materiais a serem arranjados, etc.

Quando pronto esse trabalho avaliativo dos alunos, estes são expostos na forma de instalações e, a relação do público (outros alunos da escola, funcionários, etc.) participa dessa interação, desse movimento, num ato de aprendizado<sup>4</sup>.

### **Terceiro Round:**

---

<sup>4</sup> Ver anexo.

Outro exemplo resume uma das práticas de ensino, possíveis de serem alcançadas unindo a Geografia e a Arte, o que chamamos de Instalações e Performance.

O Trabalho foi desenvolvido com alunos do 1º ano do ensino médio na E. E. Julio Bierremback Lima no município de Sorocaba /SP, com o nome de “Arquétipos” é um trabalho de exposição e apresentação (Instalações e Performance com Gaiolas) que se refere à cultura e a Sociedade e seu modo de vida, “para designar as idéias como modelos de todas as coisas existentes, segundo a concepção de Platão”<sup>5</sup> aos padrões expostos os quais se relacionam com o modo de sobrevivência e de produção do ser humano na atual sociedade. As conseqüências dessa maneira de viver recaem num modo de produção e de sociedade. Essa manipulação se dá pelos quatro poderes<sup>6</sup>: Governo, Política, Grandes Corporações e a Mídia, que se projeta na vida das pessoas em grande ou pequena escala em prol do desenvolvimento econômico.

Os objetivos desse trabalho além da experimentação didática para o professor teve o propósito de levar os alunos a construção de sua avaliação, desenvolver a capacidade de observar, analisar, interpretar, criar e pensar criticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação;

<sup>5</sup> Carl G. JUNG. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>6</sup> [http://www.culturabrasil.org/pensamentounico\\_ramon\\_et.htm](http://www.culturabrasil.org/pensamentounico_ramon_et.htm)- acesso em 13/04/2010.

devendo interagir, construir e mediar seus conhecimentos e cultura entre seus colegas, o mundo e a sociedade. Os objetivos para com o público são de impressionar, chocar, provocar, levar o público a questionamentos sobre o estado de “liberdade”, a uma auto-reflexão do seu modo de viver e de transformar em movimento algo que esta estática.

A metodologia aplicada envolve a construção mental que ao sair do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, num movimento dialético, buscando interagir os conhecimentos dos alunos na busca do objeto. Ele, como sujeito que é, e o que representa para a sociedade e qual sociedade, em qual lugar, espaço e paisagem, valores e moral, fizeram parte da nossa viagem. Com base na dialética marxista, base que foi para a geografia crítica, envolvendo a pedagogia de Vygotsky e de Freire. As aulas encontraram as formas expositivas da contradição das suas relações, textos e debates, incluindo vídeos e saídas a campo para o mapeamento mental do lugar da avaliação/apresentação.

Os conteúdos abordados foram desde a economia local à mundial, como a questão do meio ambiente e a globalização. Esse trabalho se desenvolveu em um semestre de preparação até a avaliação final, que foi na forma de instalação e performance realizada num Hipermercado da cidade de Sorocaba-SP.

Sobre os conteúdos abordados e trabalhados durante o semestre, exponho como foi trabalhado com textos, vídeos e debate com os alunos, os mesmos não sabiam como ia se processar a avaliação “avaliação construída por eles”. No início do mês de agosto pedi a eles que arrumasse uma gaiola. Gaiola? Retrucaram, por quê? O que vamos fazer com a gaiola? E eu respondi, apenas arrume!!! E mudei de assunto, já era o final da aula e saíram meio que resmungando e pensativos.

No próximo encontro, depois de ajeitar os ânimos, “convenhamos, se existe? Há tempo que não vejo, após a entrada do professor em sala, os alunos estão aguardando a fala do professor para iniciar a aula, poucos estão ouvidos”, no entanto, comecei... E aí? Já arrumaram à gaiola? Pra quê? Nada a vê, o que vamos fazer com a gaiola? Retrucaram. E ainda disse a eles, arrume também um terno os meninos e as meninas vestido de baile, aí a casa quase caiu, você tá loco! Onde vou arrumar um terno? Se vire, disse, quero ainda que escovem os dentes, penteio o cabelo e passe gel, quero lindos e maravilhosos. E assim, foi durante um bimestre, de vez em quando fazia a pergunta novamente e eles ficavam apreensíveis, sempre com uma? Hora! é importante esse tipo de abordagem, vai que preparando a mente dos alunos, no final do terceiro bimestre comecei a dar forma ao projeto.

Nesse momento, faltando umas quatro semanas, avisei-os que eles iriam fazer uma

apresentação, uma performance e junto com a gaiola, uma instalação e apresentação no hipermercado, as meninas com vestidos longos e os meninos com terno e gravata ou social no mínimo. Ficaram meio atônicos, uns gostaram outros meio que “vou pagar mico” e etc.

Sobre os textos abordados devido ao espaço nos dado para relatar, iremos citar alguns textos, entre outros abordados, assim como vídeo utilizado, entre eles Carlos Drummond de Andrade: EU, ETIQUETA “(...) Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estampa, não de casa (...)

Esse texto foi trabalhado junto aos alunos, partindo da categoria do lugar, pois nesse texto o professor pode explorar como os artigos chegam desde a sua criação industrial, passando pelo transporte até chegar à loja e como são utilizadas as propagandas dos produtos, colocando o título a mercadoria a frente das pessoas e dos valores que passa a ter na sociedade e esse valor é transfigurado como um ícone pelos veículos de comunicação, a mídia. Outro texto abordado foi do livro “As Veias abertas da América Latina” de Eduardo Galeano, e textos que retratam a exploração do meio ambiente, desmatamento, poluição etc.

Um dos vídeos abordados fazendo um contraponto em relação aos textos de Eduardo Galeano foi *Muito além do Cidadão Kane* (*Beyond Citizen Kane*), do diretor britânico Simon Hartog, Além do Cidadão Kane é um

documentário produzido pela BBC de Londres – este vídeo foi proibido no Brasil desde a estréia, em 1993, por decisão judicial, ele trata das relações da Rede Globo de Televisão, na pessoa de Roberto Marinho, com o cenário político brasileiro. Há importância desse vídeo é que o professor pode trabalhar com um cenário em que o Brasil estava no período da ditadura militar e saindo para encontrar uma “democracia”, mostrar as forças dominantes política econômica.

O texto de Bertolt Brecht “O analfabeto Político” utilizei logo após o vídeo Muito além do Cidadão Kane, e em sala discutimos e relacionamos com fatos da atualidade, os alunos foram bem receptivos diante deste contexto, ficaram meio que indignados com o filme “Rede Globo” e o interessante que alguns alunos começaram a perceber<sup>7</sup> o impacto que a mídia tem na vida das pessoas e a política que se faz no Brasil.

Também foi abordado o vídeo “Tempos Modernos” de Charles Spencer Chaplin (1889 - 1977), foi um ator e diretor inglês, o filme retrata a exploração do trabalhador no início do século XX, importante para relatar as questões trabalhistas e de emprego, dando a visão da linha de produção criada por Henry Ford e da administração do tempo por Frederick Taylor.

---

<sup>7</sup> “Perceber” sobre esse termo constatamos que muitos percebem, mas o grau de consciência sobre os acontecimentos é que pude notar um amadurecimento diante das falas e sua construção.

Em contraponto a esse vídeo foi explorado um texto “Trabalho, profissão e emprego.”<sup>8</sup>

Outro vídeo que não posso deixar de mencionar é “Baraka” Baraka é uma palavra Sufi, e significa "Sopro de Vida", "Benção” é um documentário sobre o homem e a natureza, a vida e a morte, seus contrastes com o meio ambiente e a produção do homem enquanto criador de uma cultura, dos povos e línguas e, como os animais, homem e natureza estão interligados. As imagens falam por si, um imenso poema com seus contrastes e suas metáforas visuais criadas pelo diretor norte-americano Ron Fricke nos provocam, e mexem com o visual. Com músicas envolventes e os efeitos sonoros contribuem para que Baraka envolva os alunos e faça com que os indaguem, pergunte sobre a sua existência e tudo que esta ao seu redor.

Foi utilizado para dar suporte ao professor e aos alunos o livro de Geografia Ensino Médio projeto escola e cidadania de - Silas Martins Junqueira, Victor William Ummus. Este livro serviu de apoio didático, pois foi o escolhido na época pelos professores que atuavam na escola anteriormente. No entanto, correspondeu a nossa necessidade.

Após os conteúdos abordados, e é claro que muitas falas não ficaram aqui nesse texto expostos, assim como outros textos abordados,

---

<sup>8</sup> Texto este de um projeto que realizei junto a Escola Sindical de São Paulo, do Setor de Desenvolvimento Profissional e Projetos Educacionais. S/D.

passamos para a sistematização desses conteúdos, os quais os alunos deveriam começar a produzir, a pensar o que eles iriam colocar na gaiola para representar os conteúdos abordados.

Essa parte de sistematizar, organizar o pensamento, ir à busca de um objeto que represente o conteúdo é a mais interessante por parte do aluno e do professor, pois ambos participam desse processo é o que chamamos de “AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA<sup>9</sup>”, pois é nessa parte do trabalho que os alunos vão produzir construir o seu conhecimento, a sua teoria/prática em sala de aula, que permita a descrever, analisar e interpretar as realidades da construção da avaliação é quando o aluno vai por em prática a construção teórica com sua prática, a sua investigação empírica. É traduzir a teoria apreendida em sala para a prática, fechando o elo, resultando numa práxis.

Nessa abordagem os alunos começam a escrever e a pensar no objeto que eles vão colocar dentro da gaiola<sup>10</sup> e os seus significados, passando para o professor para verificar e corrigir alguns conteúdos e categorias abordadas pelos alunos. Exemplo de um aluno; “professor vou colocar um boneco como uma corda no pescoço e umas moedas de um real espalhada na

---

<sup>9</sup> Para uma teoria da avaliação é necessário outro texto que esta em construção, limitei apenas a colocar o que penso sobre a avaliação grosso modo sem o refinamento teórico necessário, pois não caberia nessa empreitada.

<sup>10</sup> A gaiola tem o significado de prisão, algo que não nos deixa escapar, pois estamos inseridos num sistema este capitalista de produção e de sociedade que não nos deixam muitas alternativas.

gaiola<sup>11</sup>” parece simples mais para o aluno chegar a esses objetos leva-se tempo, pois o mesmo tem que amarrar ao conteúdo e produzir um texto que fale sobre o que ele quer dizer com esse material o qual ele vai expor, pois como se trata de uma avaliação pública, que os trausentes vão questionar, perguntar o significado, os alunos têm de conhecer e dominar o conteúdo e os objetos que o representam.

Nesse exemplo, o aluno questiona a ambição do homem em ter, e não ser, ele relaciona os conteúdos com a economia, local e mundial passando pela coisificação do homem diante da produção material em contraste com os objetos técnicos.

Outro exemplo foi de uma aluna que abordou o meio ambiente e a produção de alimentos, na gaiola ela colocou um espelho e representou o meio ambiente, com folhas secas, queimadas e sementes com uma frase “veja quem é o responsável” as pessoas que trafegavam pelo hipermercado paravam e olhava dentro da gaiola, ela fechou os lados e deixou apenas a frente, no olhar as pessoas viam o seu reflexo no espelho, levando-as ao questionamento sobre o desmatamento, o lixo a poluição, esse trabalho teve uma ótima aceitação pelo público.

Como se trata de uma exposição o produto final tem que estar bem organizado, o local foi

---

<sup>11</sup> As fotos estão em anexo, não é possível pelo espaço nos dado colocar várias fotos.

visitado previamente pelo professor junto com os alunos e escolhidos os locais quais eles iriam ficar, também como se trata de um local privado há que fazer um ofício relacionando o que vai ser usado, suas dependências com uma breve explicação do que se trata a gerência, é bom fazer esse pedido com pelo menos um mês de antecedência, pois como é uma rede de hipermercado com vários setores, pode demorar uma pouco para se ter uma resposta positiva.

Os imprevistos acontecem, no dia da apresentação tivemos problema com a segurança, que queria saber do que se tratava, havíamos enviado ofício e estava liberado, só que a informação não chegou aos seguranças que foi resolvido logo em seguida mais os alunos ficaram apreensivos e eu também, pois depois de meses de preparação ser barrado no baile por falta de informação não seria algo agradável.

Os resultados apresentados foram fotografados e acima do esperado pelo professor, por ser uma apresentação em público de forma teatral, os alunos compareceram em mais de noventa por cento, a avaliação feita pelo público e conferida pelo professor e alunos foi também aprovada no que respeitava o conteúdo abordado: economia, globalização e meio ambiente.

A criatividade superou o medo que os alunos tinham de se apresentar ao público com gaiolas e roupas sociais. Em sala de aula depois da avaliação/apresentação foi realizado um

fechamento sobre as dúvidas e a satisfação do objetivo alcançado.

Acredito que o ensino de geografia propostos com instalações e performance podem contribuir para mudar a geografia escolar, sendo a avaliação construtiva a forma que leva o aluno a desvendar os conteúdos pela pesquisa em que ele é submetido a fazer junto ao objeto de estudo colocado pelo professor, mediando os conhecimentos entre a teoria e a prática resultando na apreensão e observação da produção de um modelo de mundo o qual as forças dominantes nos impõem pelo consumo que nos consome.

E assim, tomando o conhecimento e consciência deste fato para ir além de uma teoria/prática numa tentativa de ir para além de uma práxis do cotidiano. Assim, sendo, é necessário diagnosticar o estado da Arte na Geografia.

**Último Round:** Avaliação e fechamento; todos os assuntos e dúvidas pertinentes aos questionamentos expostos pelos alunos.

Fragmento: “Aprendi a nadar no seco. O resultado é mais vantajoso que fazê-lo na água. Não há temor de afundar-se, pois já se está no fundo e, pela mesma razão, se está afogado de antemão. Evita-se também que tenham que pescar-nos a luz de um farolete ou na deslumbrante claridade de um lindo dia. Finalmente, a ausência de água evitará que nós inchemos.” (Virgílio Pinera, Natação)

## **Bibliografia**

André, Marli E.D.A. Metodologia de pesquisa educacional, org. Fazenda. I. A pesquisa no cotidiano escolar. Cortez. 1987.

Andrade, Manoel Correia de. O livro didático em Geografia no contexto da prática de ensino. In:\_.Caminhos e descaminhos da Geografia. Campinas: Papirus, 1989. p. 57.

Castrogiovanni, Antônio Carlos et al (orgs.). Geografia em sala de aula:Práticas e reflexões. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

Bachelar, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

Galeano, E. As veias abertas da América Latina. Editora, Paz e Terra 5ª ed; 1976.

Jung, Carl. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 1997.

Junqueira, M. Silas & Ummus W. Victor. Geografia: projeto Escola e Cidadania para Todos. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

Kaecher, Nestor André. Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento In: MERCATOR. Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 06, 2004.

Masini. Elcie. F. S. Metodologia de pesquisa educacional, org. Fazenda. I. Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. São Paulo, Cortez.1987.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

Oliveira, Ariovaldo U. (Org.). Para onde vai o ensino da geografia? 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

Passini. Elza Y.Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado, 2007.

Pontuschka, Nídia Nacib. A Geografia: Pesquisa e Ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). Geografia, representações sociais e escola pública. São Paulo, Contexto, n.15, p.145-154, 2000.

Ribeiro. Emerson. IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 3 a 5 de novembro de 2009. Acesso <http://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais>.

Ribeiro. Emerson. DE INSTALAÇÕES e PERFORMANCE : a arte na geografia escolar, da teoria para a formação docente em geografia. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010.

Straforini, Rafael. Ensinar geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.



EE. Brigadeiro Tobias/Sorocaba.  
Foto: Emerson Ribeiro 10/03/2009.

Instalações- Lanternas geográficas,  
economia e território no século XIX.

Soares. M. Lucia de A. Girassóis ou Heliantos maneiras criadoras de conhecer o geográfico. Sorocaba-sp. Linc. 2001.

Vesentini, J.W. Geografia crítica e ensino. In: Vesentini, J.W. Para uma geografia crítica na escola. São Paulo: Ática, 1992

Vygotsky Lev. S. A formação social da mente. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1989, Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

#### **Anexos**

Instalações – Móbile geográfico, economia e território no século XVI ao XIX.



EE. Brigadeiro Tobias/Sorocaba.  
Foto: Emerson Ribeiro 10/03/2009.

Foto: Arquétipos, economia e globalização.



Autor: Emerson Ribeiro, data 13/11/2007.

Foto: Alunos 1ª ano EM. Escola Júlio Bierremback Lima.



Autor: Emerson Ribeiro, data 13/11/2007.

Foto: Performance, meio ambiente



Autor: Emerson Ribeiro, data 13/11/2007.

Foto: Trausentes questionando o aluno.



Autor: Emerson Ribeiro, data 13/11/2007